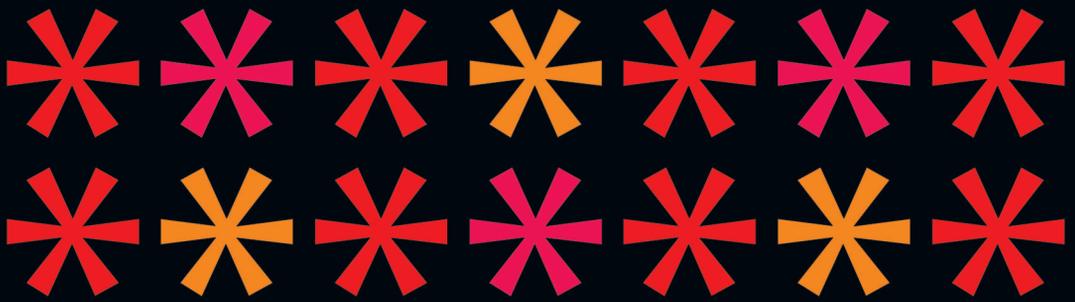


# A ASSOCIAÇÃO DAS PEQUENAS BOMBAS



**KARAN MAHAJAN**



RELÓGIO D'ÁGUA

Relógio D'Água Editores  
Rua Sylvio Rebelo, n.º 15  
1000-282 Lisboa  
tel.: 218 474 450  
fax: 218 470 775  
relogiodagua@relogiodagua.pt  
***www.relogiodagua.pt***

Copyright © 2016, Karan Mahajan  
All rights reserved

Título: A Associação das Pequenas Bombas  
Título original: *The Association of Small Bombs* (2016)  
Autor: Karan Mahajan  
Tradução e notas: Alda Rodrigues  
Revisão de texto: Ana Cristina Câmara  
Capa: Carlos César Vasconcelos ([www.cvasconcelos.com](http://www.cvasconcelos.com))

© Relógio D'Água Editores, fevereiro de 2017

Esta tradução segue o novo Acordo Ortográfico.

Encomende os seus livros em:  
***www.relogiodagua.pt***

ISBN 978-989-641-701-7

Composição e paginação: Relógio D'Água Editores  
Impressão: Guide Artes Gráficas, Lda.  
Depósito Legal n.º 421194/17

Karan Mahajan

# A Associação das Pequenas Bombas

Tradução e Notas de  
Alda Rodrigues

Ficções

# Explosão

Maio de 1996

## CAPÍTULO 0

O atentado bombista, a que o Sr. e a Sr.<sup>a</sup> Khurana não assistiram, foi um acontecimento arrasador e cheio de repercussões que começou por baixo do capô de um Maruti 800 branco estacionado, embora, claro, esse pormenor, o pormenor sobre o carro, só mais tarde tenha sido confirmado. Um bom atentado bombista começa em todo o lado ao mesmo tempo.

Um mercado cheio de gente também começa em todo o lado ao mesmo tempo e Lajpat Nagar ilustrava este tipo de caos. Um pântano informe de barracas, fervilhando aqui e ali de rostos, carrinhos e pedintes corcundas. Provavelmente abrangia quatro estações ao mesmo tempo no seu perímetro gigantesco, todas elas de temperaturas elevadas. Quando se percorria o mercado de uma ponta à outra, os carrinhos de madeira com as suas rodas de alumínio brilhantes já se tinham reorganizado de tal modo que, tecnicamente, o mercado onde se acabava já não era o mercado em que se tinha entrado: um pesadelo heisenberguiano de movimento e ambiguidade. Portanto, a verdade é que ninguém reparou no carro estacionado até ele explodir num enxame estonteante de estilhaços.

Foram relatadas estranhas visões. Um telhado de fibra de vidro azul desprende-se de uma loja e caiu com estardalhaço sobre um autocarro a alguns metros; o autocarro travou, o telhado deslizou para a frente, libertando uma quantidade impressionante de areia, e caiu ao chão; o autocarro passou-lhe por cima, esmagando-o, e continuou a avançar, com os passageiros espantados, divertidos até. (Numa grande cidade, o que acontece numa zona nunca perturba as

outras.) No mercado, algumas pessoas tombaram e depois levantaram-se, com as mãos pressionando os ferimentos, como se tivessem esmagado ovos contra o corpo numa sintonia hipnótica e não soubessem bem o que fazer com a gema líquida e ensanguentada. O mais surpreendente de tudo, tanto para os sobreviventes como para as equipas de socorro, foi a constatação de que a poeirenta praça principal continuava firmemente presa graças às raízes de meia dúzia de árvores enormes que quase tinham passado despercebidas durante todos aqueles anos, com as sombras obscurecidas pelo comércio, os ramos entortados para baixo por artigos pendurados, restos de amoras colhidos e vendidos — até a bomba abrir as gengivas verdes destas árvores e desencadear a queda de um turbilhão de folhas, que o Sr. Khurana afastou do chão aos pontapés procurando os corpos dos dois filhos.

Já quebradiças, as folhas, elas próprias estilhaços, não tinham nada para dar. Os seus dois filhos estavam mortos num hospital ali perto e ele chegara demasiado tarde.

Os Khuranas só tinham aqueles dois filhos, com onze e treze anos, cheios de vontade para fazerem recados; neste dia em particular tinham saído com um amigo de *tuk-tuk* para irem buscar a velha televisão a cores Onida da família, que estava no electricista a arranjar talvez pela décima vez. No entanto, quando os amigos lhes perguntaram o que os filhos estavam a fazer ali (o rapaz que os acompanhava escapara com uma fratura), o Sr. Khurana respondeu: — Tinham ido buscar o meu relógio ao relojoeiro. — A mulher não só não o corrigia como também reforçava a mentira. — Todos os relógios pararam — acrescentava ela. — Conseguiram determinar a que horas a bomba rebentou calculando a média das horas que todos os relógios parados marcavam no relojoeiro.

Porquê mentir, porquê agora? Bem, porque naquelas semanas trágicas a seguir ao atentado admitir perante todos os amigos pretensiosos que os filhos não só tinham morrido entre os pobres como também tinham saído para fazer um recado que tresandava a pobreza — uma velha televisão arranjada que por esta altura já devia ter sido substituída por uma daquelas de marcas estrangeiras lucrativas — teria desregulado os nervos tensos que lhes asseguravam a composição. No entanto, era inegável que eles *eram* pobres, pelo menos em

comparação com os amigos, e nenhuma quantidade de inglês melífluo, do tipo que jorrava incontrolavelmente das suas bocas, poderia alterar isso; nenhuma choraminguice em frases vitorianas nem quaisquer pancadas no peito perante os apresentadores educados em Oxford do programa *The News Tonight* que os tinham entrevistado, incentivando a indignação deles, poderiam dotá-los a eles ou aos filhos mortos da aura do sucesso passado: o Sr. e a Sr.<sup>a</sup> Khurana, ambos com quarenta anos, tinham sofrido a tragédia definidora das suas vidas; todas as outras tragédias foram relegadas para o estatuto de meros factos da vida. Durante o mês seguinte, passaram sem a televisão, que, tanto quanto sabiam, continuava, impávida e serena, na cave da oficina do electricista, com os circuitos integrados cheios de pó, o ecrã desaparafusado, pousado no chão de pernas para o ar, olhando o vazio. Só se viram na televisão porque um vizinho lhes bateu à porta e os convidou a assistirem às notícias na casa dele. A partir daí, esse vizinho foi sempre simpático com eles.

O Sr. Khurana, que passava noites agitadas desde que, há anos, se tornara realizador de documentários, começou a ter sonhos que o impressionavam muito e discutia-os sempre com a mulher ou com os colaboradores. Não confessava que ficava em pânico durante estas aventuras noturnas; que dormia na curva da axila da mulher como um bebé, com o corpo gorduroso de suor e a perna rodando para fora como a pá de uma ventoinha com problemas de funcionamento. Os sonhos, porém, eram realmente notáveis; no primeiro e mais frequente, ele transformava-se *na bomba* durante alguns minutos. A melhor maneira de descrever o que se passava seria dizer que primeiro cegava e depois conseguia ver tudo. Era isto que se sentia quando se era uma bomba. Estava-se todo enrolado para dentro, numa escuridão majestosa, sem se saber da existência do universo exterior, e depois um arame estalava, rasgando as nossas pálpebras em toda a sua extensão, adquiria-se uma visão do mundo de trezentos e sessenta graus e tudo o que fosse alcançado por esta visão estava condenado.

No sonho, o mercado — onde já tinha estado muitas vezes, de colarinho geralmente levantado — era tão nítido, tão tridimensional, que às vezes conseguia estudá-lo ao pormenor durante horas en-

quanto sonhava. Um único pé enfiado no cubículo escuro de uma loja gangrenava e inchava de significado; dava um pontapé em cheio contra a parede interior da sua têmpora e ele acordava mesmo antes de conseguir ver os filhos sendo projetados pela fachada da loja fora da qual tinham sido encontrados de braços, com uma mancha de sangue invadindo o algodão sujo nas costas.

De manhã, acordava a mulher e faziam amor de modo apaixonado e sinistro, usando mais músculos do que era necessário, as entranhas assustadoramente carregadas de ácido láctico; depois apoiavam os corpos frouxos um no outro e choravam; ao fim da tarde, quando a Sr.<sup>a</sup> Khurana regressava dos seus afazeres e libertava o lençol do colchão, reparava em duas linhas de sal paralelas assinalando o lugar onde se tinham deitado de manhã, com os ombros encharcados de lágrimas.

Mas ambos se sentiam gratos por se terem um ao outro, por não se entregarem às reminiscências, por se recusarem a analisar retroativamente o efeito borboleta nas suas vidas ou a estragá-las com “e ses?”; por nenhum culpar o outro pelo facto de os filhos terem ido de *tuk-tuk*, enfrentando a poluição de maio, até ao mercado de Lajpat Nagar naquele fim de tarde. Para quê, se todo o sistema de circuitos cerebrais de ambos fora reconfigurado para lançar chamas de dor? Para quê falar? Ergue-se uma colher de guisado grosso e chora-se. Agarra-se com força o apoio dos braços no autocarro (às vezes Deepa Khurana ia de autocarro para a escola com os filhos, para reuniões com os professores) e é como se o metal ardente tivesse sido arrancado da terra só para lembrar o calor no seu centro a que os filhos tinham sido devolvidos. Debaixo do chuveiro, a água pode cair em torno do próprio corpo, seguida de um jato e de um silêncio de garganta seca quando se percebe que se está coberto com o mesmo sabonete com que se esfregou as costas dos filhos. Nenhuma ação escapa ao significado. Entre eles, os rapazes concentravam todas as possibilidades do mundo: Nakul era atraente e com queda para o desporto; Tushar era roliço e responsável — que importa? Quem saberá dizer se teriam continuado assim? Quem saberá dizer, Sr. e Sr.<sup>a</sup> Khurana, se perderam algo que conheciam?

Durante a cerimónia de cremação, na margem em socacos de um afluente do rio Yamuna, salpicado de mil olhos ondulantes de óleo

e rebentos de plantas hipocondríacas demasiado grandes, com raízes fundas nas águas turvas e medicinais, o Sr. Khurana reparou que no exterior do anel de carne e madeira ardendo, crianças pequenas, com o nariz cheio de ranho, corriam e brincavam nuas, empunhando pneus de borracha. Mais atrás, uma vaca enfeitada com cordas entrançadas comia cinzas; descontroladas, as crianças da aldeia deram-lhe um pontapé na barriga. O Sr. Khurana interrompeu as orações finais e gritou, mandando-as embora, mas não devia ter feito isso; todos os que assistiam ao funeral recuaram do tapete escuro e ondulado da sombra do fogo. Como Vikas não era pai delas, as crianças limitaram-se a olhar para ele e, numa sincronia bela, mergulharam de cabeça na água, com os pneus flutuando atrás, mas a vaca olhou para ele, satisfeita com o escândalo, e tocou na terra com a língua. As orações continuaram mas a perturbação era evidente: se antes os cânticos tinham soado como zumbidos surdos de abelhas, agora o enxame vocal afastara-se, rarefazendo-se, como que para acomodar os ecos de um tiro. A intensidade da dor do Sr. Khurana cedeu perante o simples facto de ele ser uma pessoa, exposta pelos seus atos, e de, como tal, estar condenado a sentir vergonha. Ele sentiu os olhares pestanejando repreensão entre versos solenes. Parou de pensar nos dois rapazes ardendo à sua frente numa chama que varria o ar com os seus picos de calor, o crepitar brusco da lenha lembrando ossos estalando. Mais cinza para a vaca.